**Além da morte do autor:
Foucault e Barthes sobre a escritura pós-moderna**
*Beyond the author's death:
Foucault and Barthes about the post-modern writing*
**Mas allá de la muerte del autor:
Foucault y Barthes sobre la escritura posmoderna**

Os conceitos de texto, escritura e leitura, fundamentados no materialismo dialético e cunhados pela semiologia a fim de romper com a tradição metafísica da literatura e da crítica literária, seriam adequados para abordar os textos pós-modernos, impregnados de ceticismo quanto a possibilidade de um engajamento? Como caracterizar a literatura na era da morte do sujeito?

The concepts of text, writing and reading, based on the dialectic materialism and coined by semiology in order to break with the metaphysical tradition of literature and literary review, would be suitable to approach the post-modern texts impregnated by skepticism as to the possibility of an engagement? How is literature characterized in the era of the subject's death?

Los conceptos de texto, escritura y lectura, fundamentados en el materialismo dialéctico y acuñados por la semiología con la finalidad de romper con la tradición metafísica de la literatura y de la crítica literaria, ¿serían adecuados para abordar los textos posmodernos, impregnados de incredulidad en cuanto a la posibilidad de un compromiso? Como caracterizar la literatura en la era de la muerte del sujeto?

Palavras-chave: pós-modernidade, morte do sujeito, escritura, leitura.

Autor:

Prof. Claudius Bezerra Gomes Waddington

Bacharel em Letras (UFRJ), Mestre em Letras (Ciências da Literatura) UFRJ e Doutor em Letras (Ciências da Literatura) UFRJ. Atualmente é professor da Universidade Estácio de Sá, pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador da Fundação Biblioteca Nacional.

E-mail: claudiuswaddington@ig.com.br

Em seu *Programme* de 1967, Sollers já afirmava que a época da literatura havia acabado¹. O termo "literatura" designava para ele, e para o grupo que ficou conhecido como "TEL QUEL", uma manifestação da arte que, envolta na aura da metafísica, plasmava o Belo, guardião da Verdade. A literatura era criada pelo autor, sujeito pleno, que burilava a obra na luta pela expressão de sua subjetividade. A reflexão sobre a literatura fora exercida, até então, através do par indissociável **autor-obra**, sujeito-objeto.

Caberia a Barthes o papel de alertar para o fato de que o fechamento da era literária implicava, igualmente, no fim da crítica que discursava sobre a "obra" de arte literária, analisando-a em órbita à esfera da plenitude subjetiva do autor. Imbuído de rigor científico, o estruturalismo promovera o exílio do autor como origem do texto, na tentativa de eliminar uma matriz transcendental que pairasse em anterioridade e em exterioridade ao produto "literário", o qual passava então a ser concebido como uma unidade autônoma, livre de qualquer causação ou de qualquer finalidade. Posteriormente, Barthes se deu conta do equívoco da postura estruturalista que, hipervalorizando o texto, introduzia a hegemonia do objeto, o que significava o resgate do sujeito, pois em se tratando de termos correlatos de um mesmo círculo dialético, um jamais existiria sem o outro.²

Para a escola semiológica francesa da década de ses-

senta até meados de setenta, os conceitos de texto-escritura-leitura suplantariam, eficazmente, os de obra-literária-criação-literatura, eliminando suas inconvenientes ressonâncias metafísicas e ideológicas. Contudo, o termo escritura encontrava-se epistemologicamente ancorado no materialismo dialético, mais exatamente, no marxismo, e subentendia uma adesão à "revolução em marcha" (Kristeva), uma militância do discurso "literário".³

Finda a época da literatura, da criação, da obra de arte, será que o sistema conceitual formado pela tríade texto-escritura-leitura forneceria instrumentos analíticos epistemologicamente adequados ao que se realiza em termos "literários" na pós-modernidade? Teria a época da escritura atingido ela também o seu ocaso, uma vez que o conceito de escritura pressupunha e preconizava um comprometimento com a "revolução em marcha" e a condição pós-moderna recorta o "literário" em flagrante indiferença, para não dizer, o mais víceral ceticismo com relação às ideologias?⁴

Se não nos é lícito retroceder à terminologia metafísica de literatura, criação, obra literária, autor e expressão, para pensar o fenômeno textual na pós-modernidade, que Habermas define como a era do pensamento pós-metafísico⁵, tão pouco será adotarmos cruamente um conceito como o de escritura, engajado na causa da revolução marxista. A questão que se pretende aqui delinear não reside tanto em cunhar ou legitimar um termo novo que, resgatando uma neutralidade conceitual imaginária, daria finalmente cabo da problemática do texto "literário" pós-moderno, mas em pensar o exercício disso que se nomeou "fazer" ou "criação literária" ou escritura na condição pós-moderna em referência ao que supomos ser a marca radical de sua diferença: a morte do sujeito.

Como pensar o exercício da escritura na pós-modernidade, que se desvela cada vez mais como a era da morte, do aniquilamento do sujeito? Numa época onde o engajamento se esvaziou de sentido, onde atingir a *mass média* constitui o corolário da legitimação de todo e qualquer discurso, e onde a funcional-

¹ SOLLERS (1967)

² BARTHES (1968). Sobre o estruturalismo ver DOSSE (1991), DELEUZE (1973) e WAHL (1968)

³ KRISTEVA (1969) e SOLLERS (1968)

⁴ CONNOR (1989)

⁵ HABERMAS (1988)

dade tecnicista determina os limites do exercício do pensamento crítico-reflexivo, o ato de escrever, que perdera sua aura metafísica, perde agora as insígnias de trabalho intelectual, para tornar-se um jogo de linguagem aleatório, um pastiche, uma performance atomizada, gesto de puro diletantismo inconsequente.

Visando a desmontagem da episteme clássica, e equidistando tanto da filosofia quanto do cientificismo do saber disciplinar instituído, Foucault pronunciou o veredito do sujeito na esfera literária em uma conferência proferida em 1969 intitulada "O que é um autor?"⁷

Nela Foucault situa o autor no horizonte da plenitude do sujeito. Sua morte acarretaria a dissolução da "unidade primeira, sólida e fundamental que é a do autor e da obra".⁸ Por isso, segundo Foucault, propor o abandono do autor em proveito da obra em si, como propusera o estruturalismo, não permitiria escapar da perspectiva metafísica em que ambos se nutrem.⁹ Da mesma forma que, ainda segundo Foucault, a noção de escritura condicionaria o pensamento à ausência do autor, repetindo, numa perspectiva transcendental, os princípios religiosos da tradição e estético da sobrevivência da obra para além da morte do autor.¹⁰

Para Foucault o "nome do autor" orienta a circulação do texto dentro da sociedade, caracterizando-o enquanto um discurso que excede o cotidiano e requer uma recepção distinta.¹¹ Uma certa ordem de discursos seria, destarte, dotada da "função autor", que pode ser delineada em seus quatro principais atributos: 1) o senso de propriedade de que se reveste o discurso a partir desta função; 2) a não universalidade com que essa função recobre o universo dos discursos; 3) sua não espontaneidade, que faz com que ela surja como uma construção; 4) e, por fim, a pluralidade implícita ao índice "eu", que, atravessando a superfície discursiva de maneira extremamente ambígua, referir-se-ia antes a uma constelação de enunciadores do que a uma unidade autoral.¹²

A reflexão foucaultiana sobre o autor, redimensionado em termos de uma função que orienta a circulação, a recepção e o consumo de uma certa classe de discurso na tessitura social, repercute no horizonte do sujeito que, desvincilhando-se do "papel de fundamento originário", em anterioridade e exterioridade ao discurso, passa então a ser concebido, ele também, como "uma função variável e complexa do discurso",¹³ em simultaneidade e intrincidade ao ato discursivo.

A postura adotada por Barthes diante da relação da morte do sujeito com a noção de escritura diverge radicalmente da assumida por Foucault: enquanto Foucault vê na escritura a preservação de uma certa imagem do autor, Barthes afirma em "A morte do autor" de 1968 que "a escritura é destruição de toda voz, de toda origem. (...) o autor entra na sua morte, a escritura começa."¹⁴

O exílio do autor altera por completo toda compreensão do texto, que se faz lugar de conjunção e disjunção de escrituras heterogêneas, encruzilhada de citações sem origem. Assistimos, então, em Barthes, a passagem da noção de autor, caudatária do sujeito pleno, para a de *scriptor*. O *scriptor* moderno não é nem exterior nem anterior ao texto, mas surgindo com ele, vige nele enquanto foco de endereçamento da malha poligráfica anônima que tece o texto. O lugar onde as múltiplas escrituras em diálogo se reuniram não seria mais o autor, como outrora se imaginava, nem o crítico, acometido do mesmo mal de que padecera o autor, antes, porém, o leitor, mas um leitor impessoal:

um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito. (...) para devolver à escritura o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do autor.¹⁵

Com Barthes conclui-se o processo de superação das categorias metafísicas autor, obra, criação, expressão, literatura e crítica pelos conceitos de escritor, texto, inscrição, escritura e leitura. Conclui-se sob os acentos de um certo paradoxo, pois pretende-se depor o autor de seu império, investindo o leitor de uma dignidade e a leitura de uma autoridade sobre o texto que reintroduz, com outras vestes, na cena da pós-modernidade, a aura metafísica da plenitude do sujeito. O poder, tão criticado no autor, volta à cena transferido para o leitor e seu gesto onisciente de leitura.

Parece-nos incorreto encarar o leitor do ponto de vista de uma impessoalidade a-histórica e despido de psicologia, pois até hoje o que tem se evidenciado é que o leitor não paira idealmente em uma dimensão transcendental ao processo histórico, mas que todo o gesto de leitura insere-se inequivocamente na perspectiva metodológica adotada e que esta determina não só como se dará a leitura, mas sobretudo o que esta leitura será capaz de ler. Enfim o gesto de leitura encontra-se inserido nos movimentos que conduzem a recepção de um texto em um contexto histórico determinado e somente uma profunda conscientização metodológica do lugar epistemológico a partir do qual se processa a leitura pode subtraí-la da ilusão de uma plenitude que, com tanto acerto, foi contestada no sujeito-autor.

Da plenitude do sujeito à plenitude do leitor, em seu gesto todo poderoso de leitura, aprioristicamente instaurado no conhecimento e no domínio de todas as dobras da tessitura textual, perfaz-se uma circunavegação, não uma superação. Não obstante, a órbita que se descreve agora na pós-modernidade difere ao perceber o sujeito minorizado e ao reconhecer que qualquer pretensão à plenitude, seja a do sujeito-autor, seja a do leitor-sujeito, equilibra-se como o malabarista sobre a corda bamba.

Referências

- BARTHES, R. (1968). A morte do autor. *O rumor da língua*. p.49-53. Lisboa, Edições 70, sd.
- COMUNICAÇÃO 3. *O homem e o discurso* (A arqueologia de Michel Foucault). Rio, Tempo Brasileiro, 1981.
- CONNOR, S. (1989). *Cultura pós-moderna*. Introdução às Teorias do contemporâneo. São Paulo, Loyola, 1993.
- DELEUZE, G. (1973). A quoi reconnaît-on le structuralisme? *La philosophie au XX^e siècle*. Org. F. CHATELET. Paris, Hachette, 1973.
- DOSSE, F. *Histoire du structuralisme, I: Le champ du signe 1945-1966*. Paris, Editions de la Découverte, 1991.
- FOUCAULT, M. (1969). *O que é um autor?*/s.l./ Vega, 1992.
- HABERMAS, J. (1988). *Pensamento pós-metafísico*. Estudos filosóficos. Rio, Tempo Brasileiro, 1990.
- HUTCHEON, L. (1987). *Poética do pós-modernismo*. História, Teoria, ficção. Rio, Imago, 1991.
- KRISTEVA, J. (1969). *Semiotiké*. Recherches pour une sémanalyse. Paris, Seuil, 1969.
- SOLLERS, P. (1967). Programme. *Logiques* p.9-14. Paris, Seuil, 1968.
- (1968) *Ecriture et revolution*. TEL QUEL. *Théorie d'ensemble*. p.69-81. Paris, Seuil, 1980.
- VATTIMO, G. (1985). *La fin de la modernité*. Paris, Seuil, 1987.
- WAHL, F. (1968). *Qu'est-ce que le structuralisme?* Philosophie, 5. La philosophie entre l'avant et l'après du structuralisme. Paris, Seuil, 1968.

15 id. p.53

7 FOUCAULT (1969) e COMUNICAÇÕES 3

8 FOUCAULT (1969) p.33-39

9 id. p.39

10 id. p.40

11 id. p.41-46

12 id. p.46-57

13 id. p.70

14 BARTHES (1968) p.49